

18º Congresso Brasileiro de Sociologia

26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)

Grupo de Trabalho 25 - Cultura, crítica e democratização.

Título: Poder, resistência e interseccionalidade: as disputas discursivas por identidade no seriado brasileiro 'Sexo e as Negas'.

Nelson Rosário de Souza (UFPR)
Virítiana Aparecida de Almeida (UFPR)
Daniela Rocha Drummond (UFPR)
Natália Luiza de Souza (UFPR)

1. Introdução

O polêmico programa “Sexo e as Negas” enquadra-se no gênero minissérie. Ele foi produzido pela Rede Globo de Televisão e exibido entre 16 de setembro e 16 de dezembro de 2014, às terças-feiras após as 23 horas. Foram 13 episódios de 35 minutos cada, numa única temporada, com média geral de audiência de 13,5 pontos; um bom índice para o horário. Foi idealizado por Miguel Falabella que escreveu o roteiro com ajuda de outros colaboradores.

A inspiração para ‘Sexo e as Negas’ veio do seriado norte-americano ‘*Sex and the City*’, programa ambientado em Nova York e que tematizava com bom humor a vida afetiva e os problemas associados às experiências de sexualidade autônoma de quatro mulheres brancas de classe média.

O seriado brasileiro teve como sua principal locação um bairro popular do Rio de Janeiro, o objetivo foi retratar a intimidade romântica, a sexualidade e o cotidiano de quatro mulheres afrodescendentes¹ que vivem numa comunidade popular. A proposta é dramatizar a experiência de autonomia sexual dessas mulheres negras frente às pressões associadas ao papel social feminino numa sociedade de herança machista. Múltiplas heranças, aliás, pois também faz presença a imagem da sensualidade pervertida da mulher negra submissa aos próprios desejos e ao domínio do homem branco. Esse contexto pede o olhar interseccional, pois, dominação de gênero e racial compõem dois eixos em afinidade eletiva, sem que nenhum deles possa ser apontado como preponderante quanto a seus efeitos de poder.

Entendemos interseccionalidade, portanto, como o cruzamento recíproco de forças associadas à construção de pertencimentos identitários que se completam no processo de subalternização. Diferenças de: gênero, raça, classe, sexualidade etc.; são mobilizadas em dispositivos que constituem subjetividades sujeitadas. A hierarquização destas forças, pelos movimentos sociais, dificulta a apreensão das práticas de poder em toda sua extensão. Essencializar a questão ‘da mulher’ na luta feminista, por exemplo, tornam

¹ Entendemos que sob o ponto de vista político as quatro protagonistas devem ser vistas como negras, entretanto, usaremos também as classificações preta e parda que são aplicadas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Fizemos esta opção considerando as características do racismo no Brasil, que hierarquiza os negros conforme as diferenças no tom da pele.

invisíveis, ou secundários, os constrangimentos vividos por mulheres: negras, lésbicas, transexuais, trabalhadoras etc. (CRENSHAW, 2002; OLIVEIRA, 2010; HIRATA, 2014). A perspectiva da interseccionalidade, no entanto, busca apreender criticamente o cruzamento destas linhas identitárias e seus efeitos de sujeição².

Quanto ao seriado, mesmo antes da estreia ele gerou polêmica. Uma página no *Facebook* chegou a propor o boicote ao programa. O autor rebateu as acusações de que o programa reproduzia o estereótipo da ‘mulata³’ sensual a serviço dos prazeres do homem branco e, portanto, teria conteúdo racista.

O presente trabalho propõe olhar o seriado, não a partir de seus supostos atributos essenciais, tipo: reproduzir preconceitos e estereótipos com efeitos alienantes; mas, entendendo-o como um dispositivo construído na interação com a sociedade e suas relações de força. Como produto midiático a série oferece uma boa oportunidade para observação das disputas discursivas, especialmente do entrecruzamento das questões raciais e de gênero. ‘Sexo e as Negas’ retoma conteúdos nevrálgicos da construção identitária nacional: a sensualidade da mulher negra, a sexualidade inter-racial, o embranquecimento, a mestiçagem, a democracia racial; temas marcados por tensões e ambiguidades próprias das experiências interseccionais⁴.

As questões que orientam a análise são as seguintes: Quais disputas discursivas encontramos no conteúdo da série? Quais linhas discursivas sobre gênero e raça são apropriadas pelo seriado e quais significados apresentam? Quais soluções narrativas o seriado propõe?

Os objetivos da investigação são: analisar o conteúdo do programa procurando identificar traços de reprodução e inovação das linhas discursivas a respeito da questão racial e da sexualidade de mulheres negras. Nossa hipótese é de que os conteúdos do seriado expressam tensões, mas, também uma apropriação de linhas discursivas que apontam para novas propostas de normalização dos comportamentos e solução dos conflitos dentro da linguagem

² Dado os limites deste artigo, analisaremos fundamentalmente a interseccionalidade entre gênero e raça.

³ A palavra mulata remonta à escravidão e à miscigenação. Ela é relacionada à ‘mula’ que é animal híbrido, estéril, produto do cruzamento do cavalo com a jumenta, ou da égua com o jumento. Sendo assim, o uso do termo para mulheres filhas do cruzamento inter-racial de brancos e negras pode ser visto como pejorativo.

⁴ Partilhamos da perspectiva crítica formulada por autores como (Guimarães 1995) que denunciam o caráter mítico da democracia racial no Brasil.

e do formato televisivo. Essas apropriações e proposições refletem e, ao mesmo tempo, atuam sobre o cenário político e social.

O trabalho está dividido em duas partes. Primeiro apresentaremos: as linhas discursivas sobre raça e gênero presentes na sociedade brasileira, também o estágio atual do debate sobre a relação entre televisão, gênero e raça, especialmente no Brasil. Por fim, abordaremos as linhas teóricas que orientam nossa análise. Na segunda parte procedemos à observação quantitativa e qualitativa dos conteúdos do seriado.

2. O seriado ‘Sexo e as Negas’ no contexto das heranças: nacional e midiática

No Brasil o debate sobre a questão racial se confunde com os temas da formação e do destino da nação. A crença na constituição de um povo homogêneo prevaleceu sobre discursos que enfatizavam o isolamento dos afrodescendentes devido a supostas características inatas propensas a degenerescência da nação (COSTA, 2009). Racismo de marca e não de origem foi o que prevaleceu. A linha discursiva da identidade nacional unificada opera com a ideia de que a mistura das raças teria a capacidade de superar a herança inferior graças ao embranquecimento do povo. A miscigenação, é fundamental frisar, resulta da elaboração de um mito fundador, mas, também da trágica experiência de exploração sexual das mulheres negras pelos colonizadores brancos, tensão que chega até os dias atuais.

O mito da mistura de raças se caracteriza como um discurso aberto a diferentes significados e apropriações (COSTA, 2009) ao longo da história brasileira. O desejo inter-racial opera como elo que funda a nação e reaparece, em diferentes combinações.

O discurso da mestiçagem, associado ao do branqueamento, parece ter operado, mais recentemente, uma dualidade: a cultura negra, ou mestiça, é celebrada como símbolo da identidade nacional, entretanto, ela permanece separada da cultura branca que não reivindica simbolizar a nação, mas, se mantém dominante. Os brancos celebram a miscigenação da qual não fazem parte (MACHADO, 2002; COSTA, 2009). O discurso da mestiçagem serve, por exemplo, para ratificar o mito da democracia racial. Aliás, diante das desigualdades sociais o apelo discursivo é pela igualdade das raças e dos

seres humanos. Por outro lado, frente aos privilégios raciais a linha argumentativa enfatiza a diferença. Fica evidente o cruzamento estratégico de discursos, intersecção prática de argumentos que operam tanto na chave da igualdade, quanto da diferença, para conferir estabilidade a hierarquias raciais e de gênero. Tais linhas discursivas foram construídas e fomentadas no contexto das disputas do século XIX servindo à hegemonia branca (MUNANGA, 2008), mas, é possível afirmar, que retornam e são ressignificadas à medida que os conflitos se reorganizam. Abdias do Nascimento, ao denunciar o racismo, associou o *slogan*: 'branca para casar, preta para trabalhar e parda para fornicar' (MUNANGA, 2008) ao discurso da miscigenação. Gênero e raça são linhas de força muito presentes nas disputas discursivas envolvendo identidade nacional brasileira, uma de suas resultantes é o mito da 'democracia racial', ancorado na miscigenação, associado à harmonia e ao sincretismo cultural.

Tendo em vista estas disputas discursivas iremos observar os conteúdos do seriado. Todavia, convém fazer o breve balanço das discussões acadêmicas sobre: mídia, raça e gênero.

A análise sobre a representação dos afrodescendentes pela televisão brasileira tem importantes referências (SODRÉ, 1999; ARAÚJO, 2000). Eles denunciaram a representação estereotipada dos negros e negras na televisão. A ideologia do branqueamento e o mito da democracia racial são mobilizados como chaves explicativas das limitações da televisão e, particularmente da telenovela.

Não se trata, entretanto, de uma história linear, ela está marcada por avanços, recuos e rearranjos. Neste processo é possível identificar situações onde o movimento negro viu suas reivindicações serem atendidas (ARAÚJO, 2000); o que referenda a tese de que a mídia é, ao menos em parte, responsiva às mobilizações da sociedade na esfera pública (PORTO, 2012).

Publicações recentes também apontaram o estereótipo como padrão da mídia ao representar mulheres e homens afrodescendentes (ALAKIJA, 2012; BORGES, 2012; COSTA, 2012; FERRO, 2012). Entretanto esta perspectiva tem dificuldades em apreender as transformações e contradições, além de minimizar o papel de resistência dos contra-públicos e suas organizações.

É notório, também, que a emergência da cultura de massa, especialmente na televisão, se deu com um viés feminino e contribuiu para a expansão do universo da mulher na esfera pública. Analisar a mídia, portanto, favorece a reflexão sobre o cotidiano e a constituição das subjetividades (HAMBURGUER, 2007). A mídia, diferente das aparências, não favoreceu a demarcação de fronteiras do tipo: público masculino e doméstico feminino; seguiu outro rumo, propiciou apropriações variadas por parte da recepção, refletindo as tensões e contradições presentes na sociedade. As telenovelas brasileiras, por exemplo, não se limitaram a reproduzir padrões associados ao masculino e ao feminino, ao contrário, redefiniram essas fronteiras, pois, se ocuparam em representar a comunidade nacional e suas contradições. Assim, a cultura televisiva de massa leva conteúdos da esfera pública para o ambiente privado, comprometendo a separação rígida e a hierarquia entre temas masculinos e femininos.

Sem tratar propriamente do feminismo, a telenovela, e alguns seriados pioneiros, promoveram uma contínua liberalização das personagens femininas (HAMBURGUER, 2007) frente à herança nacional machista e patriarcal. Processo, entretanto, que expõe seus limites, pois, opera por apropriações que não eleva os problemas cotidianos a conflitos identitários.

O referencial da 'miaculturas' referenda o princípio, segundo o qual, é o jogo interativo e não dicotômico que marca a relação de poder entre as mídias e a sociedade⁵. A perspectiva francesa da 'miaculturas' se inspira: nos Estudos Culturais ingleses, na Sociologia Construtivista e na concepção de esfera pública polifônica (MAIGRET, 2010). Seu objetivo, na contramão da teoria crítica e do consumo cultural, é valorizar a capacidade reflexiva dos públicos em suas práticas cotidianas interativas. A partir deste ponto de vista, a sociedade está habitada por uma pluralidade de agentes em disputa. Os conflitos são, em grande medida, discursivos e por identidades. Mas, não se deve entender o discurso, ou a representação, como efeito imaterial de uma realidade concreta (MORIN, 2011). Discursos são práticas que operam nas interações cotidianas e que são, por elas, desafiadas. Trata-se de um jogo tenso que envolve, por um lado, a reprodução dos quadros interpretativos do

⁵ Para uma análise detalhada do referencial 'miaculturas' consultar (SOUZA, 2016).

mundo e seu poder de estabilizar as relações e, por outro, os desafios e resistências que apontam para as transformações da sociedade (MACÉ, 2006).

As relações de força que perpassam o dispositivo midiático são ambíguas, tensas e contraditórias. Entre outros motivos, porque a mídia, em busca da audiência, opera a reprodução das suas fórmulas, mas, também a inovação (MORIN, 2011); ela almeja tudo representar. A mídia é mais um dispositivo do que um sistema, um dispositivo que engendra ordens discursivas plausíveis, proposições, justificativas que buscam ancorar as ações dos sujeitos rumo às estabilidades, mas, que para fazê-lo precisa, paradoxalmente, iluminar as vozes dissonantes.

A partir deste referencial usaremos a análise de conteúdo discursivo da série, para observar como configurações discursivas se constituem buscando uma coerência estratégica, como elas operam no interior de um dispositivo reafirmando regimes discursivos hegemônicos, mas, também tentando absorver resistências. Nosso olhar irá privilegiar as interseccionalidades entre gênero e raça, entendendo interseccionalidade como um conceito

que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Interseccionalidade, portanto, diz respeito às linhas de força que organizam a experiência mobilizando e combinando diferentes traços de identidade com efeitos de subordinação.

3. O seriado ‘Sexo e as Negras’: números e disputas discursivas

O seriado foi produzido num contexto brasileiro de relativa mobilidade social ascendente de pobres e afrodescendentes. O que gerou polêmicas associadas ao preconceito social e racial.

O próprio título da série denota estereótipo, remetendo o receptor à associação entre a mulher negra e a sexualidade nos termos de uma herança racista. Mas, o nome da obra também revela uma tensão ao fazer referência ao seriado ‘*Sex and the City*’, pois, aponta para a vontade de ressignificar este quadro reconhecendo e festejando a participação de mulheres negras da periferia na experiência urbana e ‘moderna’ da sexualidade feminina

relativamente autônoma. Fica evidente o cruzamento de elementos que remetem a identidade racial e de gênero de forma ambígua, ambas associadas a experiências passadas e presentes de sexualidade.

Uma das análises interessantes sobre 'Sexo e as Negas' (CAMPOS, 2014) aponta sua ambiguidade, pois, a intenção do autor era mobilizar um olhar feminista, dando voz a mulheres negras. Contudo, o erro está em dissociar a questão de gênero da questão racial e de classe, assim, o que poderia ser visto como valorização da autonomia sexual feminina da periferia urbana, se as protagonistas fossem brancas, aparece como reforço do preconceito, pois, sendo negras e pobres as atrizes carregam consigo a marca discursiva da 'mulata hiper-sexualizada' disponível aos desejos dos homens brancos. Ao que nos parece, a tensão está em desnaturalizar a sexualidade da mulher submissa, mas, retomando a figura subalterna e cristalizada na sociedade brasileira da 'mulata sensual': amante, poligâmica e passiva diante da violência machista. O seriado americano, no entender de Campos, procurou atacar o estereótipo da mulher branca: monogamia e frigidez; representações que serviram à normalização do comportamento sexual deste grupo de mulheres 'boas para casar'. Erro de agenda, portanto, a adaptação aos padrões brasileiros teria pecado ao colocar nas mãos, ou no corpo, de personagens tão distantes e diferentes uma bandeira de mulheres brancas norte americanas. Entretanto, nos parece que a intersecção dos temas feministas e racialistas, na série, apresenta outras tensões e contradições que merecem ser exploradas.

É interessante investigar como a disputa discursiva, que é uma disputa por identidade, se faz pela apropriação e resignificação de narrativas, inclusive explorando brechas e mesclando sentidos.

A série se propõe a tratar a vida amorosa de quatro mulheres negras que moram na periferia. Vamos usar também as classificações: 'preta' e 'parda'. Quando falarmos do conjunto das mulheres afrodescentes, usaremos o termo 'negra'. Matilde, a Tilde (parda), vive de trabalhos esporádicos, principalmente como garçonne. Soraia (parda) é cozinheira. Zulma (preta) trabalha como camareira no teatro. Lia (preta) não tem trabalho fixo. Tilde vive um longo e complicado relacionamento com um rapaz branco. Ela desfaz o namoro com ele para seguir uma trajetória de estudos e crescimento pessoal que ele não

acompanha. Ela entra na faculdade de matemática e vai estudar na Europa. Na sua volta ao Brasil começa o namoro com um homem branco bem sucedido. Soraia se sente feliz em exercer livremente sua sexualidade. Vive situações de assédio no trabalho que são denunciadas com veemência. Sua trajetória é feita de várias relações, inclusive com uma experiência homoafetiva. Ao final ela obtém sucesso profissional com apoio da patroa com quem tem relações sexuais. Zulma vive um impasse entre seus relacionamentos amorosos e o desejo do seu pai, de que ela case e constitua família. No seu percurso ela se casa com um homem negro, colega de trabalho e tem um filho. O apoio dela se torna importante para que o marido cresça profissionalmente. Lia é separada, tem uma filha e uma neta, seu ex-marido, um homem branco, é o traficante com grande poder na comunidade. Ela luta para refazer sua vida afetiva e sofre com o controle do ex-marido. Ao final Lia vive um relacionamento estável com outro homem negro, escritor de livros infantis.

Vamos combinar a análise quantitativa com a qualitativa. O conteúdo dos 13 programas que compõe a série foi dividido em 457 segmentos segundo o critério de mudança de assunto e/ou de cena. Para cada segmento foi aplicada uma planilha dividida em categorias analíticas que procuram identificar conteúdos discursivos, tais como: sexo e cor dos protagonistas e interlocutores na cena; temas, principal e secundário, tratados no segmento; viés dado ao tema; existência de conflito no segmento e quem levou vantagem; também segundo sexo e cor dos envolvidos. Os dados foram rodados no *software* estatístico SPSS que gerou as frequências e correlações.

A tabela 1 nos informa sobre a frequência de protagonismo conforme a cor e o sexo. Foi considerado protagonista o personagem que dominou o segmento ao propor o tema e/ou impor sua vontade ou viés na conversação.

TABELA 1
Protagonista (sexo e cor)

PROTAGONISTA ⁶		
Personagem	Frequência	Porcentagem
Mulher preta	103	22,5
Homem preto	41	9,0
Mulher branca	150	32,8
Homem branco	52	11,4
Mulher parda	111	24,3
Total	457	100

Fonte: Grupo de pesquisa 'Midiaculturas' - UFPR

Mulheres negras, ou seja, considerada a soma de pretas e pardas, tiveram o protagonismo em 46,8% dos casos. Se obedecermos à divisão entre pardas e pretas, o maior protagonismo passa a ser das brancas com a frequência de 32,8%. Deve-se registrar que a mulher parda levou uma ligeira vantagem neste quesito em relação à mulher preta. Olhando para divisão entre negros e brancos a situação não muda muito, o primeiro grupo ficou com 55,8% do protagonismo nas cenas, contra 44,2% do segundo. Considerando a sub-representação dos negros promovida pela mídia brasileira, não deixa de ser significativa a presença das personagens, pretas e pardas, no seriado. Contudo, é possível verificar uma relativa divisão de espaço com as mulheres brancas.

Acontece que são dois personagens brancos os narradores. A voz do autor Miguel Falabella aparece no início dos episódios introduzindo temas. Ele relata, por exemplo, a história da fundação da comunidade. No centro deste 'mito fundador' está outra personagem branca, Jesuína, mulher de meia idade. Ela é neta do pioneiro da comunidade e tem um programa na rádio comunitária. Jesuína faz parceria com Falabella na tarefa de introduzir linhas discursivas. Ela é proprietária de um bar, espaço onde muitas conversas e eventos acontecem. Jesuína vive um caso amoroso com um moço negro mais jovem, mesmo sabendo que ele tem outras aventuras românticas. Individualmente, a personagem de Jesuína detém a maior frequência em protagonismo (16%), seguida de Soraia (13,6%), Zulma (11%), Tilde (9,8%) e depois Lia (9,4%).

⁶ Não apareceram homens pardos nesta situação.

Na divisão por sexo o protagonismo feminino é evidente, chega perto de 80%, enquanto os homens ocupam esta situação em apenas 20% dos segmentos. No nosso modo de entender, a presença do grupo pardas em 24,3% das cenas, número ligeiramente superior ao das mulheres pretas, não é significativo em si, mas, poderá tornar-se interessante à luz de conteúdos qualitativos mais adiante.

A tabela 2 (abaixo) aponta a interação entre protagonistas e interlocutores, considerando o sexo e a cor dos personagens. O lugar de interlocutor foi ocupado preferencialmente por mulheres brancas (23,9%); depois apareceram os homens pretos (21,27%) e, na sequência descendente, homens brancos (15,1%), seguidos de mulheres pardas (12,5%) e mulheres pretas (8,77%). Os homens pardos quase não foram representados como interlocutores. As mulheres negras têm significativa presença como protagonistas, mas, aparecem menos que outros grupos como interlocutoras. Os números em destaque na tabela indicam os maiores índices de interação. O par mais frequente foi o de mulher branca na situação de protagonista interagindo com outra mulher branca como sua interlocutora. Logo a seguir aparece o de mulher branca protagonizando cenas com homens pretos e, só então, aparecem mulheres pardas sendo protagonistas diante de homens brancos, esse par está praticamente empatado com a dupla mulheres pretas e homens pretos, com a diferença de apenas um segmento. Depreende-se que mulheres brancas agiram mais entre si e com homens pretos. Entretanto, se repetirmos o procedimento de reunir os índices das pretas e pardas, podemos verificar que o protagonismo das mulheres negras se efetiva com a interlocução preferencial com homens brancos seguidos de homens pretos.

TABELA 2
 Protagonista x Interlocutor (sexo e cor)

Protagonista	Interlocutor								Total
	Nenhu m	mulhe r preta	home m preto	mulher branca	home m branco	mulher parda	home m pardo	outros	
mulher preta	3	3	36	17	18	22	2	2	103
homem preto	16	5	2	13	2	3	0	0	41
mulher branca	18	14	42	51	10	11	1	3	150
homem branco	30	4	2	8	2	6	0	0	52
mulher parda	9	14	15	20	37	15	0	0	110
Total	76	40	97	109	69	57	3	5	456

Fonte: Grupo de pesquisa 'Midiaculturas' - UFPR

Em resumo, alguns achados da tabela 1 se repetem nos índices da segunda tabela. Considerando as categorias separadas, as mulheres brancas aparecem em mais segmentos interagindo entre si, mas, ao agregarmos as categorias, as mulheres negras saltam a frente e interagem mais, tendo homens brancos e pretos como principais interlocutores.

A respeito dos temas que tiveram maior frequência, a 'questão racial' aparece apenas em sexto lugar com 5,7%. O destaque vai para o assunto 'afetividade' com 35%, seguido de temas 'culturais' com 12,5% e 'sexualidade' com 10,5%. O padrão do seriado enquanto gênero de entretenimento associado à narrativa da vida privada e cotidiana se confirma, pois, afetividade e sexualidade respondem como temas principais de quase metade de todos os segmentos (45,5%). De todo modo, é significativo que este gênero televisivo reserve algum espaço para assuntos polêmicos: machismo e feminismo, juntos, apareceram em 7,5% dos segmentos como tema principal. Outros temas que se destacaram foram: cultura (12,5%), trabalho (9%) e consumo (8,5%).

A tabela 3 (abaixo) nos permite observar a categoria dos protagonistas em relação ao tema principal manifestado nos segmentos.

TABELA 3
 Protagonista (sexo e cor) x tema principal⁷

Protagonista	Tema Principal										Total
	quest. racial	sexualidade	Machismo	Feminismo	Desigualdade	consumo	Cultura	trabalho	Felicidade	Afetividade	
mulher preta	1	13	5	1	8	7	6	11	3	41	96
homem preto	4	6	5	1	0	2	5	3	1	14	41
mulher branca	10	8	2	6	3	14	28	7	6	63	147
homem branco	4	0	5	2	2	7	11	3	1	12	47
mulher parda	6	22	3	4	3	9	7	17	5	30	106
Total	25	49	20	14	16	39	57	41	16	160	437

Fonte: Grupo de pesquisa 'Midiaculturas' - UFPR

Alguns números merecem destaque. Mulheres brancas protagonizam a maior parte das cenas de afetividade, seguidas de mulheres pretas e das mulheres pardas. Novamente, mulheres negras superam as brancas. Mas, quando o tema principal é cultura o protagonismo das mulheres negras não se repete, ou seja, mesmo a soma da frequência de pretas e pardas (13) não atinge a metade da presença das brancas (28). No protagonismo do tema consumo as mulheres brancas também estão à frente. Quando o assunto principal é a sexualidade a situação se inverte, as mulheres brancas, com 8 de índice, não protagonizaram mais segmentos do que as pretas (13) e, tampouco, em relação às pardas, essas lideraram o protagonismo neste tipo de cena com frequência (22).

Sobre a relação entre sexualidade e raça o quinto episódio do seriado é ilustrativo. O título é representativo: 'Puro Preconceito'. Na principal cena as quatro protagonistas entram numa loja. Quando elas já estavam de saída, Soraia flerta com um dos dois seguranças que são negros. Um deles acusa-as de furtarem o vestido que levaram para o provador. Tilde se enfurece e chama os seguranças de capitães do mato. Diante da surpresa das amigas ela explica que este personagem negro do passado trabalhava para os senhores de escravos capturando os negros que fugiam. Elas chamam a polícia e o caso acaba na delegacia. Leonor, a atriz branca para quem Zulma trabalha, foi até a

⁷ Temas com frequências baixas foram suprimidos, são eles: violência de gênero, violência outra, LGBTT, identidade e cidadania. O tema desigualdade social se juntou ao tema desigualdade espacial.

delegacia prestar apoio às protagonistas. A cena tem o tom de denúncia contra o que foi chamado de 'preconceito' e não diretamente de racismo. Na sequência da cena aparecem depoimentos de vários personagens, negros e brancos, denunciando diferentes tipos de preconceitos que já sofreram. Um rapaz negro, por exemplo, diz que sofreu preconceito pelo fato de gostar de mulheres mais velhas. Algumas controvérsias ficam explícitas na cena: o preconceito racial é denunciado, mas, como em outros momentos da série, a ação é levada a efeito por personagens que também são negros, ou seja, é atenuado o preconceito enquanto relação de poder de brancos sobre negros. Neste sentido é reforçado o discurso mítico da democracia racial, até mesmo o protagonismo do preconceito seria distribuído igualmente. No mesmo sentido vai outro conteúdo importante da cena: a sequência, feita com diferentes depoimentos, faz uma equivalência entre o preconceito racial e outros tipos de preconceito diluindo a relação de poder que envolve o racismo. Outro aspecto é que o enquadramento é individual e moral; seriam pessoas preconceituosas que dariam vazão a este sentimento prejudicando outros indivíduos por diferentes motivos equivalentes entre si.

Mas existe outro elemento fundamental e recorrente na série que aparece no desenrolar desta trama. O segurança, que fez a acusação preconceituosa, procura Soraya para se desculpar e eles têm uma relação sexual. Ou seja, o discurso se organiza da seguinte forma: o preconceito racial, cujo agente é individual e pode ser de qualquer cor, é equivalente a outros preconceitos, mas, pode ser suplantado pela sexualidade. Vivenciar com igualdade a autonomia sexual seria o caminho para igualdade racial. O discurso da democracia sexual operaria articulado à linha discursiva da democracia racial. Dá-se a retomada da sexualidade como solução dos problemas raciais, agora com o protagonismo da mulher parda ou preta que enfrenta o preconceito distribuído democraticamente entre os grupos raciais. O mesmo se passa com a personagem Gaudéria, uma mulher branca que expõe ao longo da série seu preconceito de classe e racial, mas, ao final sucumbe à sensualidade de um jovem negro e acaba por se casar com ele. A intersecção entre gênero, sexualidade e questão racial opera apagando as relações de poder e, recolocando, em novos termos a subordinação.

A apropriação da resistência ao racismo se faz com adaptações: primeiro ao traduzir racismo por preconceito, depois ao desarmar a denúncia contra os brancos, pois, o preconceito racial também partiria de negros contra outros negros e, finalmente, ao enquadrar o tema na esfera das relações individuais e solucioná-lo pela via da sexualidade.

Retornando os dados da tabela 3, quando o tema é o trabalho, as mulheres pardas e pretas suplantam com boa vantagem as mulheres brancas e outros grupos. Quando o tema principal é 'questão racial' as mulheres brancas estão à frente e nem a soma das frequências de pretas e pardas reverte essa situação. Confrontando brancos e negros, neste caso, o quadro não muda. Parece legítimo desconfiar que se reproduz a linha discursiva que reserva à mulher negra papel principal na sexualidade e no trabalho, concebendo às brancas áreas como cultura e consumo.

Quanto ao viés, 78,3% dos segmentos tiveram a classificação de neutros, enquanto que em 9% o enfoque foi crítico ou contestador. Entretanto, 7% das cenas tiveram conteúdo pejorativo ou reprodutor de preconceito e em 5,7% dos casos o tom adotado foi conservador ou liberal. O predomínio da neutralidade nos quadros temáticos condiz com o caráter de entretenimento deste gênero. Mas, o seriado também reservou espaço para polêmicas. A tabela 4 permite uma melhor visualização dos vieses mais frequentes dos principais temas.

TABELA 4
Tema principal x viés⁸

TEMA	NEUTRO	PROGRESSISTA	CONSERVADOR	PEJORATIVO	TOTAL
Questão racial	13	6	1	5	25
Sexualidade	38	3	4	4	49
Machismo	6	6	4	4	20
Feminismo	9	2	0	3	14
Desigualdade	10	3	0	3	16
Consumo	35	1	1	2	39
Cultura	49	3	2	3	57
Trabalho	40	1	0	0	41
Felicidade	11	3	2	0	16
Afetividade	130	10	12	8	160
Total	341	38	26	32	437

Fonte: Grupo de pesquisa 'Midiaculturas' - UFPR

⁸ Usamos viés progressista quando é manifesto o tom crítico ou contestador do *status quo*, das desigualdades ou da hegemonia; neste caso, fica patente o princípio de que todos somos diferentes e de que as diferenças não podem ancorar subordinação. O viés conservador é identificado quando é manifesto o tom liberal, reprodutor dos padrões vigentes, da moralidade tradicional, da ordem e dos costumes; também está presente aqui o princípio da tolerância aos diferentes. O viés pejorativo denota o tom reprodutor dos preconceitos, do racismo, do machismo, da homofobia etc. Usamos o viés neutro quando o tom mais saliente é o descritivo.

Se somarmos as frequências das colunas 'conservador' e 'pejorativo' é correto considerar que o viés 'progressista' levou desvantagem. De todo modo, esse viés se fez presente. Na questão racial, por exemplo, ocorre uma divisão entre o tom progressista, leia-se contestador, e as abordagens conservadoras e pejorativas. A tabela 5 ajuda a desfazer equívocos ao cruzar o viés dado aos temas com a presença de conflito.

TABELA 5
Viés x Conflito

VIÉS	CONFLITO			
	não se aplica	Sim	não	total
Neutro	308	50	0	358
Progressista	19	21	1	41
Conservador	9	17	0	26
Pejorativo	9	23	0	32
Total	345	111	1	457

Fonte: Grupo de pesquisa 'Midiaculturas' - UFPR

É interessante notar que em grande parte dos segmentos onde o tom pejorativo apareceu aconteceu o conflito, ou seja, ocorreu a contestação em 71,8% dos casos. O mesmo se aplica ao viés conservador, em 65,4% dos casos o conflito esteve presente. Aliás, situações de conflito foram encontradas em 24% dos segmentos e a tabela 6 indica qual personagem levou vantagem segundo a cor e o sexo.

TABELA 6
Predomínio no conflito (sexo e cor)

PREDOMÍNIO		
Personagem (cor e sexo)	Frequência	Porcentagem
Sem predomínio	374	81,8
Mulher preta	19	4,2
Homem preto	12	2,6
Mulher branca	28	6,1
Homem branco	6	1,3
Mulher parda	17	3,7
Homem pardo	1	0,2
Total	457	100

Fonte: Grupo de pesquisa 'Midiaculturas' - UFPR

Os dados indicam que na maioria esmagadora dos casos de conflito (81,8%) não houve vantagem de nenhum dos personagens envolvidos. Para os casos em que ocorreu predomínio repete-se o cenário do protagonismo: mulheres negras estão à frente dos demais com o índice de 7,9%. Entretanto, se considerarmos a divisão entre pardas e pretas, as mulheres brancas levam vantagem em relação às outras categorias com o índice de 6,1%.

Muitas cenas com caráter pejorativo envolveram a personagem Gaudéria, mulher branca que expunha seus preconceitos raciais e de classe de modo caricatural. Praticamente na totalidade das cenas ela era contestada por outros personagens, principalmente mulheres brancas.

Por fim, convém olhar como os grupos de personagens se comportaram em relação ao viés dado aos temas. Esta informação está na tabela 7.

TABELA 7
Viés x Protagonista (sexo e cor).

VIÉS	PROTAGONISTA					
	mulher preta	home m preto	mulher branca	home m branco	mulher parda	total
Neutro	81	28	113	45	91	358
Progressista	12	4	13	3	9	41
Conservador	4	5	12	2	3	26
Pejorativo	6	4	12	2	8	32
Total	103	41	150	52	111	457

Fonte: Grupo de pesquisa 'Midiaculturas' - UFPR

Apesar de a mulher branca ser a principal protagonista, conforme vimos anteriormente, ela divide a hegemonia do viés progressista com a mulher preta, um pouco atrás vem o grupo mulher parda, ou seja, neste caso é nítido o protagonismo das negras com a frequência de 21 contra 13 das brancas. Quanto ao viés conservador o protagonismo está com as mulheres brancas e mesmo a soma da frequência de pretas e pardas não as alcança. O mesmo não pode ser dito com relação ao viés pejorativo, as mulheres brancas têm o predomínio, seguidas pelas pardas, mas, mulheres negras juntas ultrapassam a hegemonia das brancas neste quesito. Isso reforça a percepção, já exposta, de uma linha discursiva que distribui democraticamente entre os diferentes grupos raciais a responsabilidade pelos preconceitos sociais.

4. Conclusão

Considerando a herança de sub-representação dos negros na mídia, o seriado inovou ao reservar aos personagens afrodescendentes 55,8% de protagonismo nas cenas, e às mulheres negras 46,8%. A presença de personagens brancas, entretanto, também é significativa.

Trata-se de um programa de entretenimento, isto explica o predomínio dos temas: afetividade e sexualidade. De todo modo, assuntos como: questão racial, machismo e feminismo; marcam presença. Se mulheres negras disputam o protagonismo com as brancas quando o tema é afetividade, o

mesmo não acontece quando o assunto é cultura ou consumo, as brancas, dominam esses segmentos. Quando o tema é sexualidade as negras são as protagonistas, com vantagem das pardas sobre as pretas; o mesmo se passa quando o tema é trabalho. Dados significativos sobre os limites da série e da própria sociedade brasileira.

Quanto ao viés é possível afirmar que as abordagens conservadoras e pejorativas levaram vantagem, mas, foi significativa a presença de segmentos progressistas. Deve-se acrescentar que o conflito esteve bastante presente. Ou seja, a maior parte das falas pejorativas, por exemplo, foram contestadas.

Enfim, é possível afirmar que o seriado apresenta conteúdos de transgressão dos padrões tradicionais quanto a gênero e oferece algum protagonismo às mulheres negras. Mas, retoma linhas discursivas no sentido de uma nova normalização, ao enquadrar o racismo como preconceito que não contrapõe brancos e negros, mas, indivíduos de todas as cores, inclusive negros contra negros. Ou seja, retoma-se o mito da democracia racial conferindo-lhe um significado a mais, enquanto democracia do preconceito. Entretanto, a linha discursiva mais importante e significativa está na retomada da sexualidade como elemento fundador e pacificador da nação. Se antes a matriz era a miscigenação propiciada pelo desejo inter-racial, com a dominação do homem branco sobre a mulher negra, agora, prevalece a sexualidade da mulher negra, principalmente da parda, como antídoto contra o preconceito que pode vir de homens brancos, mas, também dos próprios negros. O dispositivo que comporta essas linhas de força discursivas opera no sentido de tornar invisível a intersecção entre raça e gênero como estratégia de subalternização. Com isso se inibe a formação de subjetividades de resistência.

Referências

- ALAKIJA, A. "Mídia e identidade negra". In: R. C. Borges, R. S. Borges (eds.), **Mídia e Racismo**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF: ABPN, pp. 106-151, 2012.
- ARAÚJO, J. Z. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**. São Paulo: SENAC, 2000.
- BORGES, R. da S. "Mídia, racismos e representações do outro: ligeiras reflexões em torno da imagem da mulher negras". In: R. C. Borges, R. S.

- Borges (eds.). **Mídia e Racismo**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF : ABPN, pp. 178-203, 2012.
- CAMPOS, L. A. **As “negas” in the city? Paroxismo de uma importação dramaturgica**, *O blog do Démodé*, Disponível em <http://grupo-demode.tumblr.com/post/104405795722/as-negas-in-the-city-paroxismo-de-uma> , [consultado em 5-12-2014], 2014.
- COSTA, R. G. “Mestiçagem, racialização e gênero.” *Sociologias* (21): 94-120, 2009.
- COSTA, K. R. B. “De quando a pluralidade revela a invisibilidade”. In: R. C. Borges, R. S. Borges (eds.), **Mídia e Racismo**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF : ABPN, pp. 40-63, 2012.
- CRENSHAW, K. “Documento para o encontro de especialistas em aspetos da discriminação racial relativos ao género”. *Estudos Feministas* (1): 171-188, 2002.
- FERRO, R. “O negro sem cor no telejornalismo brasileiro”. In: R. C. Borges, R. S. Borges (eds.). **Mídia e Racismo**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF : ABPN, pp. 64-83, 2012.
- FREYRE, G. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51ª Ed. rev. São Paulo: Global Editora, 2006.
- GUIMARÃES, A. S. A. “Racismo e Anti-racismo no Brasil. *Novos Estudos CEBRAP* (43): 26-44, 1995.
- GUIMARÃES, A. S. A. “A questão racial na política brasileira: os últimos quinze anos”. *Revista Tempo Social*. São Paulo: USP, 2001.
- HAMBURGUER, E. I. “A ‘expansão’ do feminino no espaço público brasileiro: novelas de televisão nas décadas de 1970 e 80”. *Revista Estudos Feministas*. V. 15, nº 1. Florianópolis, jan-abril, 2007.
- HIRATA, H. “Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais.” *Revista Tempo Social* (26): 61-73, 2014.
- MACHADO, I. J. de R. “Mestiçagem arqueológica.” *Estudos Afro-Asiáticos* (2): 385-408, 2002.
- MACHADO, S. P. “Mídia, Infância e negritude: Cidadania e afrodescendentes no Brasil”. In Roberto Carlos da Silva Borges e Rosane Borges (Eds.). **Mídia e Racismo**. 206-244. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF : ABPN, 2012.
- MACÉ, É. **Les imaginaires médiatiques: une sociologie postcritique des médias**. Paris: Éditions Amsterdam, 2006.

- MAIGRET, É. **Sociologia da comunicação e das mídias**. São Paulo: Editora Senac, 2010.
- MORIN, E. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo 1: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- OLIVEIRA, J. M. de. “Os feminismos habitam espaços hifenizados: a localização e interseccionalidade dos saberes feministas.” *Ex aequo* (22): 25-39, 2010.
- PORTO, M. P. **Media Power and Democratization in Brazil: TV Globo and the Dilemmas of Political Accountability**. New York/London: Routledge, 2012.
- SODRÉ, M. **Claros e Escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis, Vozes. 1999.
- SOUZA, N. R. “Repensando a Mídia e a Cultura: novos olhares sociológicos”. In: Ribeiro, R. (Org.) **Jovens, Consumo e Convergência Midiática**. Curitiba: Editora UFPR, 2016 (no prelo).